



Bolsas Na quinta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Últimas cotações (em R\$)	Euro Comercial, venda na quinta-feira	Capital de giro Na quinta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,51% São Paulo	116.782 116.181,61	R\$ 1.212	7/abril 4,741 8/abril 4,709 11/abril 4,690 12/4 4,674	R\$ 5,084	6,76%	12,03%	Novembro/2021 0,95 Dezembro/2021 0,73 Janeiro/2022 0,54 Fevereiro/2022 1,01 Março/2022 1,62

»Entrevista | ZEINA LATIF | ECONOMISTA

Especialista diz que o Brasil tem vários nós a desatar para o crescimento econômico, sendo o principal deles a falta de educação básica gratuita, um consenso na literatura e grande diferencial dos países desenvolvidos

“Lugar de militares é no quartel, não no governo”

» ROSANA HESSEL E VICENTE NUNES

Atual militarização do governo, com excesso de fardados ocupando cargos estratégicos, é um atraso para o país e ajuda a minar a credibilidade das Forças Armadas. É o que diz a economista Zeina Latif, que vê a volta dos militares ao poder como reflexo, em grande parte, da falta de organização das elites, que deixam um vácuo para as interferências históricas das Forças Armadas.

“Ao fazerem isso, enfraqueceram a nossa democracia. E as escolhas feitas vão cobrando seu custo”, afirma a especialista. Para ela, “os militares têm

que voltar para os quartéis”. “O regime militar, em boa medida, foi responsável pela década perdida de 1980. Não que não tenhamos cometido os nossos próprios erros”, enfatiza.

Doutora em economia pela Universidade de São Paulo (USP), com passagens por algumas das maiores instituições financeiras do país, Zeina ressalta que o país tem vários nós a desatar, sendo o principal deles, o da educação pública. No entender dela, da forma como está estruturado hoje, o sistema educacional agrava as desigualdades sociais. Ela ainda chama a atenção

para a visão corporativista dos professores, que estão mais interessados em obter vantagens pessoais do que preocupados com a melhoria do ensino. Esse “pecado original”, acredita, trava o crescimento econômico e compromete o futuro. “O Brasil não investe pouco em educação, o problema é que continua aplicando mal os recursos”, diz.

Apesar dos percalços, Zeina demonstra um certo otimismo com o país, mas ressalva que é preciso olhar para os erros do passado para não cometê-los novamente nas eleições de 2022. “Essa questão da educação básica gratuita é um

consenso na literatura econômica, pela importância na formação do capital humano, no exercício da cidadania e da construção democrática de um país”, frisa. “Houve avanços ao longo do tempo e a redemocratização foi um passo muito importante para a universalização, mas o fato é que pecamos muito na qualidade da nossa educação”, acrescenta.

Zeina está lançando o livro Nós do Brasil, nossa herança e nossas escolhas, no qual ressalta a fragilidade da democracia brasileira, que “nasceu como nação outro dia” e teve períodos prolongados de ditaduras, cujos custos estão

sendo pagos até hoje. Ela detalha ainda a falta de uma identidade nacional e de capital cívico, que limita o desenvolvimento da sociedade, já que não exerce seus direitos e deveres, exigindo serviços públicos melhores. Na opinião da economista, muitos cidadãos não gostam de cumprir regras mínimas de civilidade, retrato de uma sociedade violenta e desigual. A seguir, os principais trechos da entrevista da especialista, que integra a equipe que elabora o programa econômico do pré-candidato à Presidência da República João Doria (PSDB).

Nós do Brasil, nossa herança, nossas escolhas. Por que a escolha desse título para o livro que está lançando?

Primeiro, quando eu uso a palavra nós, estou me referindo aos nós que seguram o crescimento econômico do país. O economista sempre dá ênfase no crescimento econômico, porque é a variável de estudo mais fácil, mas, no fundo, sempre acaba falando do desenvolvimento. Além disso, nós, brasileiros, temos parcela de responsabilidade pelas escolhas que fazemos. Tem uma literatura que não é de agora, lá fora e aqui dentro, para analisar as raízes históricas e que remetem à nossa origem, para explicar parte dos nossos problemas. Mas não podemos nos esquecer de que não há todo esse determinismo histórico. Fomos fazendo escolhas ao longo do tempo e, muitas vezes, distinguindo o país de outros países, vizinhos e emergentes. Primeiro é isso, nós que seguramos o crescimento e nós, também, como brasileiros.

As escolhas do Brasil, no geral, sempre foram erradas? O país sempre optou pelo caminho errado?

Acho que seria injusto dizer isso. Bem ou mal, houve avanços democráticos. Mas, à luz do que era a promessa do Brasil grande, parece que está bastante claro que cometemos alguns erros que nos custaram muito. E o principal é a negligência com a educação básica, historicamente. E, mesmo hoje, temos um gasto com educação que não é baixo, mas que não entrega um ensino de qualidade e, portanto, igualdade de oportunidade, o que explica esse abismo entre as classes sociais. Ter ainda uma desigualdade tão grande de oportunidade e o efeito do baixo investimento do passado, principalmente, em educação e capital humano, que se acumulam, vamos carregando frutos de escolhas equivocadas.

Como assim?

Quando eu falo que o país errou foi porque olhei para o que aconteceu no passado. E, no livro, eu procuro, o tempo todo, fazer essa análise. Olho as referências históricas, mas a análise é da economista sobre as variáveis que fazem alguns países crescerem mais e ficarem mais ricos do que outros. E essa questão da educação básica gratuita é um consenso na literatura econômica pela importância na formação do capital humano e pelo exercício da cidadania e da construção democrática de um país. Isso vai muito além da qualidade da mão de obra. A educação extrapola tudo. A falta de educação

básica gratuita de qualidade é o que eu chamo de nosso pecado original.

E quando começou esse erro histórico?

O país, como colônia, já teve implicações. E, quando comparamos os indicadores e tudo o que tem de disponível nos textos históricos, vemos que a colonização não tinha preocupação com a educação. Diferentemente dos Estados Unidos, que era uma colônia de povoamento, com núcleos que se organizavam e contavam com recursos para terem escolas, no caso do Brasil, a primeira inflexão na questão da educação foi a vinda da família real, foi quando surgiu a preocupação com o ensino superior. O que tivemos de educação básica veio dos jesuítas lá atrás, mas era mais catequização e não educação básica de verdade. E veio muito tardiamente, de cima para baixo. Acho que é uma coisa que carregamos do passado. O ponto é que, mesmo quando tínhamos vozes dizendo que o país estava errando, isso não se traduziu em força política. Claro que o capítulo de educação é para explicar as várias etapas que o país passou e tentar explicar o porquê passou a investir em educação tardiamente. Eu tento entender o que pode estar por trás disso e porque não cuidamos da educação. Houve avanços ao longo do tempo e a redemocratização foi um passo muito importante para a universalização, mas o fato é que pecamos muito na qualidade da educação.

Quais são os outros nós?

Eu colocaria como outro fator importante o seguinte: quando pensamos em sociedades que pressionam para melhorar a qualidade do serviço público, de forma geral, e, claro, educação, prioritariamente, estamos falando de uma classe média que seja representativa e usuária de serviços públicos. O país não tem isso. Não temos uma classe média homogênea, representativa, com participação importante, que gere essa pressão por ensino público de qualidade. Quando olhamos para a classe média alta e as classes mais altas, os filhos estão na escola privada. Na pandemia, por exemplo, nós, como sociedade, aceitamos as escolas públicas fechadas por muito tempo. Nós aceitamos isso. A verdade é essa. E a pressão da sociedade, que é algo abordado na economia, é algo muito fraco. Quem é usuário do ensino público não é um grupo social que poderia fazer uma pressão coletiva, porque não é um grupo representativo.

E não tem voz...

Não tem, porque é um grupo

muito pequeno. Por isso tem um capítulo que fala sobre a classe média. Não temos uma classe média naquele sentido da sociologia. Se formos olhar, é um grupo muito pequeno. E, por isso, não há essa organização da sociedade para pressionar por serviços públicos de qualidade. Esse é o tópico principal, mas existe um agravante que é, na minha visão, resquício dos períodos de ditaduras. O grau de sindicalização do serviço público na educação é outro fator que pesa muito. A meu ver, a visão mais corporativista perde o foco de quem tem que ser o beneficiário final, que são os alunos, as crianças e os jovens. Uma coisa é a questão da representatividade, outra é voltada para a demanda dos professores e não para o cidadão. Quando olhamos os pleitos, são pleitos para a categoria. A banca da educação (no Congresso) não é exatamente da educação. Ela atende os pleitos do grupo. Essas coisas se misturam, mas o peso maior é a falta de uma classe média representativa, homogênea, usuária de serviços públicos, que pressiona pela volta das escolas. Não vimos protestos para voltar às escolas (durante a pandemia). Talvez, se a classe média e a classe alta tivessem filhos na escola pública, houvesse mais pressão para voltar. De outro lado, o corporativismo se protege, defende as suas pautas e acaba distorcendo o debate público. E esse é um debate que precisamos avançar.

Ainda tem a questão da democracia.

Eu coloquei no início do primeiro capítulo, da introdução, na linha de Douglass North (economista norte-americano), das instituições, de como os países se diferenciam em relação à capacidade de crescer e de se desenvolver em função das instituições, mas no sentido mais amplo, envolvendo valores, costumes. Não é só no sentido tradicional que as pessoas analisam, mas envolvendo as regras do jogo e as formas como elas funcionam. O objetivo é destrinchar, a julgar pela própria literatura, os fatores que representam esses nós. Nesse sentido, eu destaco o fato de a democracia ter chegado tardiamente, com ritos políticos acentuados. Um país que nasceu como nação outro dia, como o Brasil, teve períodos acidentados demais, com ciclos políticos muito acentuados e períodos prolongados de ditaduras. Isso diz muito da falta de amadurecimento e da incapacidade das elites de encontrarem soluções e espaço para negociação, e isso não sai barato.

Pode dar exemplos?

A ditadura de Getúlio Vargas, por

Breno Fortes/CB/D.A Press



Ao se envolverem com política, o que não é algo esperado e não faz parte de suas funções, as Forças Armadas enfraqueceram a nossa democracia. Eu não diria agora, mas carregamos o nosso passado. E as escolhas feitas vão cobrando seu custo”

exemplo, moldou muito o que o país é hoje. Depois, tivemos uma ditadura militar longa. E, se já havia fragilidades democráticas, isso também cobra o seu preço. Foi um período muito prolongado e que distingue o país da América Latina. Nesse capítulo sobre a democracia, as questões históricas e as pesquisas acadêmicas mostram que países que fizeram transição democrática têm mais condições de crescer, porque passam a contar com uma sociedade mais vibrante, com vários canais das instituições funcionando no sentido de abrir espaço para maior participação dos cidadãos. E isso se traduz em melhor qualidade da ação estatal.

Como vê a participação, cada vez mais, de militares no governo?

A participação política dos militares é algo que também distingue o Brasil da América Latina e do mundo, por conta do intervencionismo. Se, por um lado, refletiu nossa fraqueza democrática, por outro, mostra a forma como as Forças Armadas se organizaram, interferindo na vida política, porque os civis não sabem se organizar. E não tem como não dizer que isso trouxe problemas para política até os dias de hoje. Esse protagonismo dos militares, na minha leitura, faz muito mal para as Forças Armadas porque fere o espírito da disciplina e de valores. Provavelmente, machucou a imagem junto à sociedade, porque deixaram de cumprir a sua missão. Ao se envolverem com política, o que não é algo esperado e não faz parte de suas funções, as Forças Armadas enfraqueceram a nossa democracia. Eu não diria agora, mas carregamos o nosso passado. E as escolhas feitas vão cobrando seu custo.

A estrutura que está montada hoje é uma ameaça à democracia?

Eu não diria que ameaçaria da forma como vimos no passado. Mas, pensando primeiro na corporação, com pessoas que não têm a formação em cargos que deveriam ser ocupados por civis, inclusive, por uma questão de preparo, enfraquece as Forças Armadas. Desvia da sua missão, o que é ruim para o país. Não acho que temos uma ameaça de golpe, não vejo dessa forma. Mas há fatores que

podem ser riscos e fontes de preocupação quando vemos esse movimento de insubordinação dentro da Polícia Militar, por exemplo. Pode não ter golpe, mas vimos governadores passando por situação difícil em função de greves que não deveriam acontecer entre militares. Agora, digamos assim, não dá para comparar com o passado da ditadura militar. Não quero fazer esse paralelo. Mas, quando vemos o funcionamento do nosso presidencialismo de coalizão, não é a escolha do presidente. Tem uns que aprovam mais reforma com um custo menor, mas vai do perfil de cada governante. A falta de confiança na classe política dificulta esse amadurecimento. Não discuto no livro, mas se você pensar que é preciso instrumentos de barganha política e que faz parte trazer os aliados políticos para participar do governo, em certa medida, explica-se o crescimento de instrumentos como as emendas parlamentares, que são ruins para a nossa democracia. É possível fazer a boa política. Sem ela, é ruim para a democracia. E há distorções na alocação de recursos públicos, o que torna o jogo desigual e fere a disciplina partidária. Não vou comparar com o passado, mas isso não é neutro para o nosso amadurecimento democrático. É ruim e enfraquece esses canais do presidencialismo de coalizão, pois acabamos caindo nessas emendas que são mecanismos ruins para o jogo eleitoral e alocação de recursos. Não estão inseridos numa lógica mais ampla de governo. Eu acho também que os militares têm que voltar para os quartéis.

CONTINUAÇÃO NA PÁGINA 7